

sobre, memória

B O B
W O L F E N S O N



**UMA DAS SALAS DO ESTÚDIO DA
VILA LEOPOLDINA, EM SÃO PAULO,
EM FEVEREIRO DE 2020, APÓS
A ENCHENTE** Foto Helena Wolfenson

sobre memória

Por dentro da recuperação
do acervo de fotografias
de Bob Wolfenson



Ficha técnica

ACERVO FOTOGRAFICO Bob Wolfenson

**COORDENADORA DO PROJETO,
CONSERVADORA-RESTAURADORA
DE FOTOGRAFIAS**

Juliana Bittencourt Bovolenta

CONSULTOR DE CONSERVAÇÃO DE FOTOGRAFIAS
Leandro Lopes Pereira de Melo

**DOCUMENTALISTA, ESPECIALISTA EM ACERVOS
FOTOGRAFICOS E ARTÍSTICOS, E DESENVOLVEDORA**

DA BASE DE DADOS TAINACAN
Fernanda Cícero de Sá

CONSERVADORA DE FOTOGRAFIAS
Talita Rennó Bruno

**DESENVOLVEDORA DA BASE DE DADOS
TAINACAN** Giselle Rocha

REPRODUÇÃO DIGITAL DE FOTOGRAFIAS
Ana Tonezzer Ansbach

**PRODUÇÃO EXECUTIVA DO PROJETO DE
CONSERVAÇÃO** Morena Carvalho

AGRADECIMENTO Rafael Amorim

**Equipe registro fotográfico
e videográfico**

DIREÇÃO Helena Wolfenson

MONTAGEM Eduardo Resing

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA Helena Wolfenson

ASSISTENTE DE CÂMERA Rafael Frydman

OPERAÇÃO DE SOM Rafael Frydman

FINALIZAÇÃO DE SOM Tomás Franco

COLORIZAÇÃO Lucas Almeida

DESIGN GRÁFICO Thema
(Thea Severino e Marcio Freitas)

**TRATAMENTO, IMPRESSÃO E PRODUÇÃO
DAS FOTOMONTAGENS** Chris Kehl

TEXTOS Naief Haddad e
Juliana Bittencourt Bovolenta

PROGRAMADOR DO SITE Fernando Alencar

ASSESSORIA DE IMPRENSA Renata Megale

GESTÃO DE INCENTIVO IC Cultura

CONTABILIDADE Ec2 Contadores

JURÍDICO Aline Akemi Freitas

**Participaram da ação
de salvamento**

INSTITUTO MOREIRA SALLES Edna Katia
Gaiardoní, Gabriella Moyle, Luiz
Henrique Soares e Sérgio Burgi

**ARQUIVO HISTÓRICO WANDA SVEVO DA
FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO** Jéssica
Chimatti Martins, Olívia Tamie
Okasima e Raquel Moliterno

ESTÚDIO BOB WOLFENSON Aline Os,
Cris Kehl, Cristiane Favacho
e Mariza Guimarães

VOLUNTÁRIOS Akemi Miyashita,
Ana Francisca Salles Barros,
Caetana Britto, Carolina Vergotti,
Fernanda Auada, Joyce Melguiso,
Leandro Melo, Stella Mariane
Barboza do Couto e Talita Rennó

Projeto de restauração do arquivo fotográfico de Bob Wolfenson - Pronac 221157

APOIO Lei de Incentivo a Cultura Lei Rouanet

PATROCÍNIO Porto Seguro

REALIZAÇÃO Estúdio Bob Wolfenson, Ministério da Cultura, Governo Federal Brasil União e Reconstrução

Patrocínio

Apoio

Realização



Bob Wolfenson

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Ministério da Cultura, Estúdio Bob Wolfenson e Porto Seguro apresentam

sobre, memória

Por dentro da recuperação
do acervo de fotografias
de Bob Wolfenson

Entenda como boa parte dos
arquivos de um dos maiores
fotógrafos brasileiros foi
restaurada depois de uma
enchente que atingiu seu estúdio
em fevereiro de 2020. E conheça
os principais responsáveis por dar
uma vida nova a esse acervo.



Confira versão em áudio do conteúdo da cartilha em sobrememoria.com



**Acompanhe
os principais
momentos do
processo, da
enchente à
restauração**



FOTO PUBLICADA POR BOB NAS REDES SOCIAIS QUE CHAMOU A ATENÇÃO DE BURGÍ, DO IMS

| a |

A enchente e o susto

Em maio de 2005, apenas cinco meses depois de se mudar com sua equipe para um estúdio na Vila Leopoldina, na zona oeste de São Paulo, o fotógrafo Bob Wolfenson viu o espaço ser completamente invadido pela água. Na ocasião, perdeu parte expressiva do acervo e teve que sair de barco do estúdio.

O desastre, porém, não o levou a fazer mudanças estruturais no espaço. Quinze anos depois, veio outra catástrofe. Na madrugada de 10 de fevereiro de 2020, uma segunda-feira, as águas de um temporal voltaram a ocupar seu estúdio.

A capital paulista vivia dias de alagamentos, desmoronamentos, quedas de árvores e caos no

trânsito. Os rios Tietê e Pinheiros transbordaram. Bob só conseguiu entrar no local por volta de meio-dia do dia seguinte, ou seja, quase 36 horas depois. “Meu estúdio ficou devastado, parecia cenário de pós-guerra. Sofá de cabeça para baixo, livros no chão, lama por tudo quanto é lado. A água alcançou mais de um metro de altura”, afirmou à reportagem do jornal Folha de S.Paulo.

“Foi um vacilo, um erro de cálculo. Eu não tirei as coisas do estúdio porque não imaginei que isso pudesse acontecer novamente”, lembra o fotógrafo.

Cartelas de filmes fotográficos (os negativos e os contatos) estavam guardadas em gaveteiros de ferro, como se faz habitualmente. Três das quatro gavetas de uma série de gaveteiros foram afetadas, assim como ampliações em papel e livros sobre fotografia. O alagamento decorrente da chuva torrencial também atingiu equipamento de luz e monitores de computador.

Em uma rede social, Bob publicou uma foto com carros, perto do seu estúdio, praticamente debaixo da água e relatou o episódio. Chamou a atenção de Sérgio Burgí, coordenador de fotografia do IMS (Instituto Moreira Salles), que ligou para Bob e avisou que mobilizaria colegas para uma operação emergencial a fim de tentar salvar o acervo.

Não um acervo qualquer. Ali estavam quase 50 anos de fotografias: retratos, editoriais de moda, ensaios de nus, registros urbanos, entre outros caminhos tomados por um profissional inquieto.

A água já tinha baixado um pouco, mas havia lama por todos os lados quando Leandro Melo, um dos especialistas acionados pelo IMS, chegou ao estúdio na avenida Mofarrej.

O conservador-restaurador especializado em fotografia mal teve tempo de observar os detalhes – não é exagero dizer que, àquela altura, cada minuto fazia diferença. “Quando o material fica

em contato com uma umidade relativa maior do que 65% por mais de 48 horas, com uma temperatura maior de 20°C, é provável que ocorra a proliferação de fungos”, explica Juliana Bittencourt, também conservadora-restauradora.

Juliana não pôde participar dessa primeira etapa emergencial, mas se dedicou a esse acervo três anos depois, como veremos mais adiante.



Desci na estação Vila Leopoldina e entrei na avenida Mofarrej, onde ficava o estúdio do Bob. Foi quando comecei a ver o tamanho do estrago. Tinha um guincho tirando um carro de um estacionamento no subsolo, tinha marca de água de um metro e meio de altura nas paredes

LEANDRO MELO

O Leandro me ligou perguntando se eu poderia ir ao estúdio do Bob o quanto antes. A gente se conhecia há bastante tempo: ele tinha sido meu professor no Senai e depois trabalhamos juntos. Respondi que sim, estava indo. Da estação Vila Leopoldina ao estúdio, foram 20 minutos andando em meio ao desespero. Havia lama por todos os lados, carros ainda cheios de água

TALITA RENNÓ



A uti do acervo

“Montamos uma UTI (Unidade de Terapia Intensiva) do acervo”, disse Bob em entrevista à Folha sobre toda a movimentação para salvar os seus arquivos.

Como era preciso correr contra o tempo para evitar que os fungos tomassem conta do acervo, 16 especialistas se mobilizaram no período de 13 a 17 de fevereiro. Não raro eles chegavam muito cedo e saíam tarde da noite. Também participaram da operação o próprio fotógrafo e Aline Os, Cris Kehl, Cristiane Favacho e Mariza Guimarães.

A coordenação de todo o trabalho emergencial coube, sobretudo, a Leandro Melo, que atuou de modo voluntário, e a Gabriella Moyle, que viera do IMS do Rio e mantinha contato permanente com Sérgio Burgi.

“Num primeiro momento, buscamos entender a dimensão do acervo e logo percebemos que vários materiais tinham sido comprometidos, como livros e impressões em jatos de tinta, que estavam numa mapoteca”, lembra Leandro. Dezenas de itens bastante danificados foram imediatamente descartados.

No entanto, algumas imagens com alto grau de deterioração foram preservadas. “Eu percebi que havia essa graça das fotos que adquirem um outro sentido, uma outra materialidade”, recorda-se Bob.

Havia também pastas suspensas nos gaveteiros, que continham milhares de negativos e folhas de contato. Nessa área do estúdio, a chance de recuperação parecia maior, o que se comprovou uma realidade mais tarde. Mas isso só funcionaria com uma ação ampla de congelamento.

“Como era uma quantidade grande e não daria tempo de lavar e secar tudo, decidimos congelar esses materiais. Nesse estado, as reações químicas, que levam à deterioração, entram numa velocidade bem baixa. E assim é possível descongelar mais adiante, na medida da capacidade de secagem”, explica o conservador.

O primeiro passo: comprar um freezer urgentemente. “Não existia freezer para pronta-entrega. Rodei a cidade inteira e só achei um no Ponto Frio da marginal Tietê. O atendente só conseguiu me vender na hora porque o aparelho estava amassado”, lembra Bob. “Passaram dois ou três dias, e o Leandro me falou: ‘Precisamos de um outro freezer’. Fiz a mesma coisa e deu certo.”

O ideal, como explicou Sérgio Burgi, teria sido comprar freezers verticais, que distribuem melhor o peso das cartelas fotográficas. Mas como havia pouquíssimo tempo, optou-se pelos mais fáceis de encontrar no mercado, os aparelhos horizontais.

No estúdio da Vila Leopoldina, a equipe procurou distribuir bem as funções. Caetana Britto e Fernanda Auada, restauradoras especializadas em papel, se dedicaram mais aos livros e às revistas – ambas trabalharam de forma voluntária. Os demais



UMA DAS SALAS DO ESTÚDIO DE BOB QUE FICARAM COBERTAS DE LAMA Foto Helena Wolfenson

“

Num primeiro momento depois da enchente, comecei a rasgar as fotos em papel e jogar fora. Não seria possível restaurá-las. Até que, num determinado instante, percebi que algumas imagens estavam fortes, interessantes. Eram um testemunho

BOB WOLFENSON

O congelamento reduz muito a proliferação de fungos, que podem manchar o material ou levá-lo ao apodrecimento. Além disso, podem causar risco para a saúde das pessoas

LEANDRO MELO

se concentraram nas películas.

Feita a divisão por tipo de material, havia as subdivisões. No caso dos negativos e folhas de contato, um integrante da força-tarefa se encarregava de tirá-los das gavetas, colocando-os em bandejas (como aquelas usadas por pedreiros para preparar o cimento); outro apenas lavava os materiais; e daí por diante até levar tudo aos dois freezers.

“O trabalho principal da minha equipe era lavar os negativos, colocar nos pacotes e catalogar para que, depois, a gente soubesse o que era esse material”, lembra Talita Rennó, conservadora-restauradora que esteve naqueles dias de tensão em 2020 de forma voluntária e, três anos depois, voltou a trabalhar na recuperação do acervo.

Além de Talita, Caetana e Fernanda, Leandro se lembra de outros especialistas que participaram do salvamento, como Edna Katia Gaiardoni e Luiz Henrique Soares (IMS); Jéssica Chimatti Martins, Olívia Tamie Okasima e Raquel Moliterno (Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo); Akemi Miyashita, Ana Francisca Salles Barros, Carolina Vergotti, Joyce Melguiso e Stella Mariane Barboza do Couto (voluntárias).

Toda aquela mobilização foi facilitada pelo fato de o acervo ter passado algum tempo antes por um processo de organização e classificação. Segundo o conservador, “existiam informações sobre o que estava em cada lugar, além de registros nas embalagens que tinham os filmes e as folhas de contato. Havia

um código que identificava qual era o ensaio. Assim, nós sabíamos onde estavam os itens mais importantes”.

Leandro havia tido duas experiências prévias com alguma semelhança com a inundação do estúdio: uma delas no Museu da Energia, espaço tomado pela água após o rompimento de uma tubulação, em 2008; e outra na Bial de São Paulo, neste caso o que ele chama de “oficina de salvamento”, com uma simulação de alagamento, em 2016.

Para o conservador, esses episódios anteriores foram úteis para que “a gente tivesse essa clareza em relação à necessidade de identificar o que é prioritário e o que não é”. Um exemplo: eles retiraram inicialmente os filmes fotográficos das gavetas rentes ao chão, mais afetadas pela enchente.

O desastre de 2020, porém, trouxe surpresas, como o comportamento das polaroides. Bolhas se formavam sobre elas após o contato com a água, o que tornava inviável o congelamento. Mais grave foi a dificuldade de dimensionar o tamanho do acervo e o tempo para executar as tarefas.

Ou seja, evidentemente a experiência era útil em meio ao corre-corre no estúdio, mas, junto com a água, vinha uma enxurrada de novidades.

Depois de cinco intensos dias de trabalho, os dois freezers estavam completamente lotados. Boa parte do material foi armazenado adequadamente, passando por uma lavagem e acondicionado em sacos plásticos e, posteriormente, em caixas. Uma porção, no entanto, foi congelada sem esses cuidados básicos. O tempo, implacável, se impunha.



A caminho da recuperação

Encerrada a força-tarefa no estúdio, o objetivo de Bob era retomar a recuperação do acervo o quanto antes. No entanto, surgiram novos obstáculos.

Foram pelo menos três as pedras no caminho:

1. a pandemia de Covid-19, que, entre outras coisas, inviabilizou ou ao menos dificultou trabalhos presenciais em equipe;
2. o alto custo de um projeto rigoroso de restauração dos arquivos;
3. o risco de iniciar um processo desse tipo sem a clareza de que haveria uma quantidade expressiva de itens com plenas condições de recuperação.

Entre os desafios, esse último foi o primeiro a ser vencido. Meses depois da enchente, especialistas do IMS do Rio vieram a São Paulo para coletar diferentes amostras dos materiais que estavam nos freezers. O resultado, lembra Bob, foi surpreendentemente positivo: em geral, a perda tinha sido de apenas 5%. “Foi uma iniciativa muito inteligente e gentil da parte deles”, diz o fotógrafo.

Feita essa avaliação, ele se sentiu mais confiante para buscar

um apoio externo. Recorreu a um especialista em leis de incentivo e, mais uma vez, a Leandro para que preparassem um projeto com todas as normas técnicas necessárias. Foi um longo processo até que a empresa Porto Seguro decidiu colaborar para que a ideia saísse do papel.

Nesse vai-e-vem burocrático, também foi relevante o trabalho da produtora Morena Carvalho.

O desafio do alto custo parecia, enfim, superado. Além disso, a essa altura, a pandemia já não representava tanto perigo quanto antes.

A segunda e mais longa etapa de recuperação estava, enfim, num horizonte próximo. Como seria de se esperar, Bob convidou Leandro para coordenar essa jornada, mas o conservador já estava comprometido com o projeto Manuel Corrêa de Andrade, um extenso acervo de livros doados ao IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) da USP.

Leandro, porém, colaborou montando a equipe que trabalharia com os arquivos de Bob. Talita Rennó (“que já trabalhou em diversos projetos comigo”) era um nome pensado desde as primeiras conversas. Ele também convidou Juliana Bittencourt (“uma profissional de formação super sólida”) para coordenar a equipe.

Ambas são conservadoras-restauradoras, faltava uma documentalista, alguém que fizesse o tratamento da informação. Fernanda Cicero de Sá foi, então, convidada para a função. Definido o trio que trabalharia no dia-a-dia, Leandro acompanharia o projeto como consultor.



SALA DO FOTÓGRAFO INVADIDA PELA ÁGUA Foto Bob Wolfenson



O meu acervo é muito vivo, é muito requisitado. E eu o reconecto com o presente. Então, essa sobrevivência é importante

BOB WOLFENSON

Essa experiência tem sido importante para entendermos o comportamento de diferentes materiais fotográficos em contato com a água. Quais são mais resistentes? Como devo transportá-los? O que pode e o que que não pode ser congelado?

LEANDRO MELO

Por meio desse trabalho, a gente acaba vendo como o Bob passou por vários momentos da história da tecnologia da fotografia. Primeiro, o trabalho dele com o analógico. Em seguida, há um período em que produz concomitantemente com o analógico e o digital. E depois migra totalmente para o digital. É muito aprendizado

JULIANA BITTENCOURT

**UMA DAS SALAS DO ESTÚDIO
DA VILA LEOPOLDINA, EM
SÃO PAULO, EM FEVEREIRO
DE 2020, APÓS A ENCHENTE**
Foto Bob Wolfenson





O trabalho da equipe de recuperação do acervo em 10 passos



1 Definição das prioridades de descongelamento, de acordo com os critérios de classificação de importância do acervo definidos com o fotógrafo

2 Descongelamento do pacote de acordo com a ordem de prioridade: o pacote do freezer é retirado e descongelado gradualmente dentro de uma caixa térmica. Dessa forma, evitam-se danos mecânicos que poderiam ser provocados pela dilatação dos materiais em função do aumento brusco da temperatura

3 Abertura do pacote e separação dos materiais fotográficos de acordo com seu suporte (filmes ou papéis fotográficos), polaridade (para os filmes diapositivos ou negativos), cromia (colorido ou preto e branco) e forma de acondicionamento original (diapositivos com moldura, embalagens plásticas ou de papel etc.)



4 Limpeza dos suportes fotográficos:

- Os filmes negativos e diapositivos são lavados em uma bandeja com água fria e filtrada e, em seguida, colocados em outra bandeja para enxágue final em solução umectante (com detergente específico para fotografia, que facilita o escoamento da água,

evitando a formação de manchas ao secar).

- Os diapositivos em molduras são primeiramente secos para que as molduras possam ser removidas com segurança. Em seguida, a limpeza é realizada na bancada, com solvente.
- Os papéis fotográficos são lavados em duas bandeja com água fria e filtrada



BOB WOLFENSON REGISTRA DESTRUIÇÃO APÓS ENCHENTE

Foto Helena Wolfenson

5 Para a secagem, são utilizados clips de metal adaptados (para pendurar filmes com perfurações nas bordas) e prendedores de papel, fixados nas margens, para dispor os materiais para

secagem em varais, em um ambiente com ventilação forçada, que incide de forma indireta sobre o material. O código de identificação de cada conjunto é escrito em um papel e disposto no varal, ao lado dos materiais

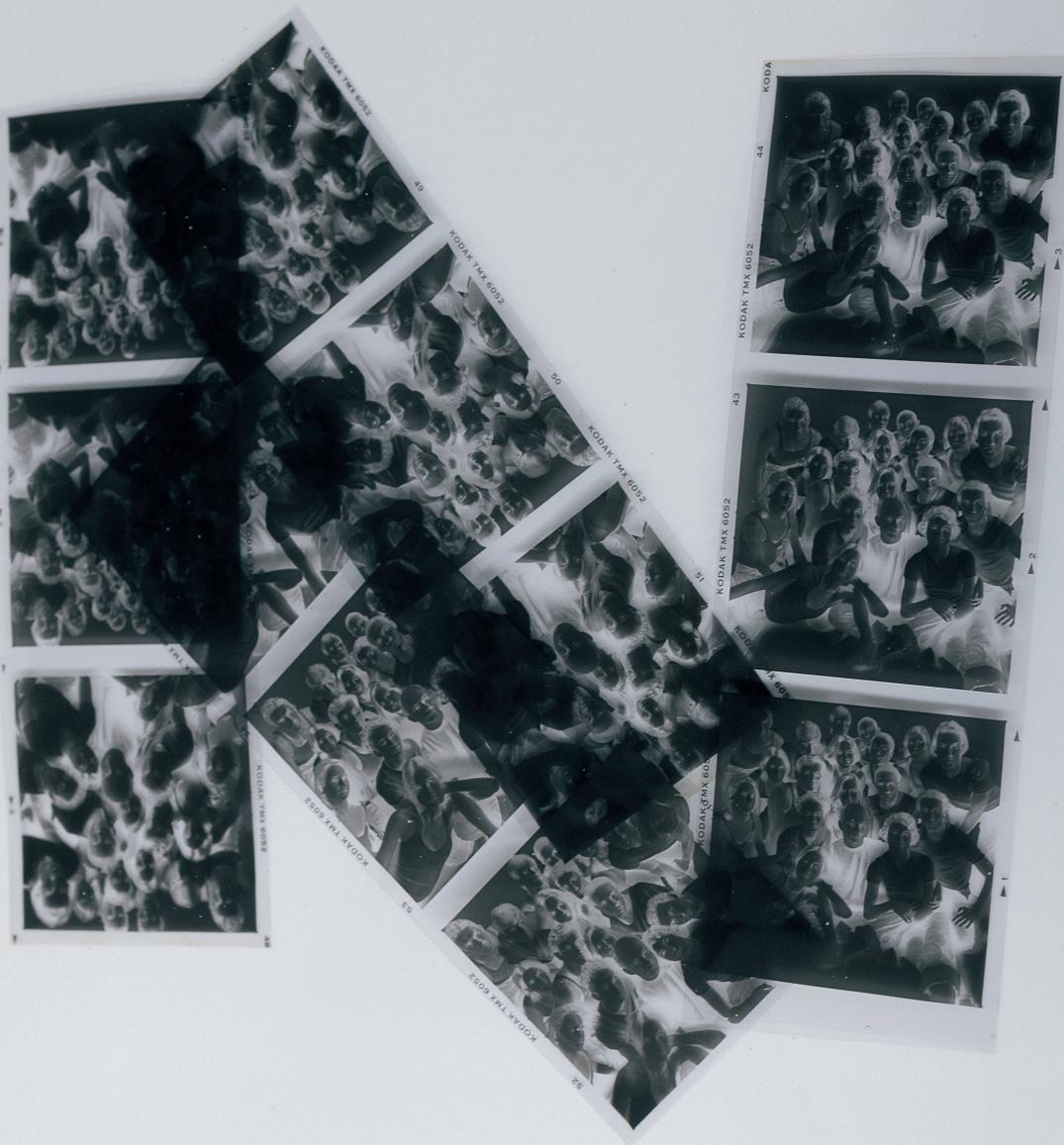
6 Os materiais são retirados do varal e acondicionados em embalagens adequadas para a sua conservação, já com seus códigos de identificação

7 É a etapa do diagnóstico. As características físicas (polaridade, cromia e formato), a quantidade de fotogramas e a avaliação dos danos de cada conjunto são registradas em planilha

8 Digitalização de acesso. O registro digital dos negativos e diapositivos em suas embalagens é produzido para facilitar o acesso a seu conteúdo

9 Os materiais são armazenados no mobiliário destinado à guarda do acervo

10 Tratamento documental. A base de dados é atualizada com as informações do projeto e a localização física final das fotografias



**NEGATIVOS QUE PASSARAM PELO
PROCESSO DE RECUPERAÇÃO**



A CONSERVADORA-RESTAURADORA JULIANA BITTENCOURT DURANTE O TRABALHO EM 2023



O JOVEM BOB EM DUAS FOTOS DO SEU ACERVO Fotos Helena Wolfenson

| d |

Vida nova, enfim

A partir de maio de 2023, Juliana, Talita e Fernanda passaram a trabalhar juntas no estúdio de Bob e definiram métodos rígidos de acompanhamento para que não se perdessem em meio a tantos arquivos. Apesar da organização e do planejamento, o trabalho sempre esteve sujeito às surpresas, sejam maiores ou menores.

Alguns materiais tiveram que ser retirados das embalagens com bisturi ou pinça, exigindo mais atenção delas.

O trabalho se estendeu por sete meses, de maio a dezembro de 2023, tempo insuficiente para recuperar todo acervo. Elas conseguiram dar vida nova a grande parte dos filmes fotográficos mais importantes da trajetória de Bob,

que estavam guardados em um dos freezers. A tarefa de descongelar os materiais do outro freezer ficará para um período posterior.

Orgulhosas do trabalho realizado, Juliana, Talita e Fernanda gostariam que todo esse repertório técnico, desenvolvido por elas e outros colegas de 2020 a 2023, servisse como referência daqui pra frente.

“Não há um modelo único de conservação e restauração. Cada acervo tem características específicas, que exigem um planejamento pensado para aquela situação. Ainda assim, a gente queria que esse trabalho que fizemos aqui fosse visto como uma referência para instituições de memória e para outros fotógrafos”, diz Juliana.

Depois de entrar em estado de coma, o acervo de Bob sobreviveu –ao menos, a maior parte dele. Graças aos restauradores-conservadores, a memória está viva.

VARAL DA
RESTAURAÇÃO DE 2023
Foto Helena Wolfenson







**Quem é quem
no projeto**



O FOTÓGRAFO BOB WOLFENSON
Foto Helena Wolfenson

Saiba mais sobre os principais nomes envolvidos, em ordem alfabética



BOB WOLFENSON

Com mais de 50 anos de carreira, é um dos mais conhecidos fotógrafos de retratos, de moda e de publicidade do Brasil. Expôs em prestigiadas instituições do país, como Masp, Centro Cultural Maria Antonia, Museu de Arte Moderna de Salvador e Museu de Fotografia de Fortaleza. Entre seus muitos livros, destacam-se “Antifachada”, “Belvedere”, “Desnorte” e “O Livro Falado”. É vencedor de prêmios de fotografia como os concedidos pela Funarte e pela Fundação Conrado Wessel.

Depois de uma enchente que atingiu seu estúdio na Vila Leopoldina, em São Paulo, em 2005, o espaço foi novamente inundado em fevereiro de 2020, comprometendo parte expressiva do seu acervo. Seu novo estúdio fica na Vila Romana.

Fotos Helena Wolfenson



FERNANDA CICERO DE SÁ

É formada em artes plásticas pela faculdade Santa Marcelina e pós-graduada em criação e m multimídias pela Anhembi Morumbi. Também se especializou em conservação e restauro no Senai. Depois de atuar como pesquisadora em instituições como a Pinacoteca de São Paulo, foi durante 5 anos assistente de conservação e documentação do Centro de Memória e Informação do Museu da Imagem e do Som (MIS). Também trabalhou no arquivo histórico Wanda Svevo, da Bienal de São Paulo. No projeto de restauração do acervo do fotógrafo Bob Wolfenson, ao longo de 2023, ela exerceu a função de documentalista. Ou seja, Fernanda faz a análise das informações dos suportes fotográficos.

GABRIELLA MOYLE

É conservadora, pesquisadora e consultora. Graduada em história pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), especializou-se em conservação e restauração de bens

culturais móveis pelo CECOR/UFMG. Atua em projetos de preservação e conservação do patrimônio cultural desde 2001 e em projetos de exposições de artes visuais desde 2008.

Trabalhou no Instituto Moreira Salles (IMS) de 2008 a 2022, sendo responsável pelo trabalho de preservação, conservação preventiva, conservação e restauração ligado ao acervo do IMS, e a acervos de terceiros sob a guarda ou custódia temporária da instituição.

Em fevereiro de 2020, foi uma das pessoas que coordenaram as primeiras ações de resgate e salvamento do acervo de Bob Wolfenson, dando início ao projeto que se desdobra desde então.



JULIANA BITTENCOURT

Formada em fotografia pelo Centro Universitário Senac, especializou-se em conservação e restauração de fotografias na Escola Nacional de Conservação e Restauração e Museologia do Instituto Nacional de Antropologia e História do México. Mais tarde, fez um mestrado em museologia na USP.

No exterior, atuou como conservadora no museu Frida Kahlo e na Fundação Televisa, ambos na Cidade do México, e como pesquisadora de materiais fílmicos na Filmoteca Española, em Madri. De volta ao Brasil, atuou em projetos da Funarte e do arquivo histórico Wanda Svevo, da Bienal de São Paulo. Neste último, sob a orientação de Leandro Melo.

Juliana coordenou o projeto de restauração do acervo do fotógrafo Bob Wolfenson ao longo de 2023, trabalhando ao lado de Talita e Fernanda.



LEANDRO MELO

Graduado em arquitetura pela USP, teve formação complementar em áreas como conservação-restauração de documentos fotográficos e gestão cultural. Conservador restaurador há mais de 25 anos, foi professor do curso Assistente de Conservação Preventiva do Senai de São Paulo e tem promovido regularmente cursos nessa área.

É supervisor de conservação do arquivo histórico Wanda Svevo, da Bienal de São Paulo, e coordenador

técnico do projeto de limpeza e catalogação do acervo bibliográfico de Manuel Corrêa de Andrade no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), na USP.

Atuou ao longo de 2023 como consultor do projeto de restauração do acervo de Bob Wolfenson. Anteriormente, em fevereiro de 2020, foi um dos coordenadores das primeiras ações de resgate e salvamento dos arquivos do fotógrafo.



SÉRGIO BURGI

Formado em ciências sociais pela USP em 1981, ano em que ingressou no mestrado em conservação fotográfica da School of Photographic Arts and Sciences, do Rochester Institute of Technology (EUA). É coordenador da área de fotografia do IMS (Instituto Moreira Salles) desde 1999.

Burgi é organizador de livros como “Marcel Gautherot, Fotografias”, “Luciano Carneiro - Fotojornalismo e Reportagem” e “Marc Ferrez - Território e Imagem”.

Ao ver uma publicação de Bob Wolfenson nas redes sociais sobre a enchente que havia tomado o seu

estúdio, em fevereiro de 2020, Burgi mobilizou especialistas do IMS e de outras instituições para atuar no salvamento do acervo do fotógrafo. Nos dias seguintes, ele supervisionou as ações de recuperação dos arquivos.



TALITA RENNÓ

Graduada em fotografia no Senac, atuou em projetos como a organização e a preservação de coleções fotográficas do Museu do Ipiranga em equipe liderada por Leandro Melo. Também trabalhou com conservação de fotografias no Arquivo Público do Estado de São Paulo e no Masp. Na Cinemateca Brasileira, foi uma das responsáveis pela revisão de material cinematográfico. Ao longo de 2023, atuou como conservadora no projeto de recuperação do acervo de Bob Wolfenson, fazendo o diagnóstico do material fotográfico depois de tirá-lo do freezer e descongelá-lo. Antes, em fevereiro de 2020, havia participado das primeiras ações de salvamento dos arquivos do fotógrafo.

**VARAL DA
RESTAURAÇÃO DE 2023**

Foto Helena Wolfenson





Um acervo que, enfim, volta à vida

**POR LEANDRO MELO,
JULIANA BITTENCOURT,
FERNANDA CICERO DE SÁ
E TALITA RENNÓ**

Em maio de 2023, iniciamos o projeto para recuperação das fotografias de Bob Wolfenson que foram congeladas na ação de salvamento realizada em 2020. Foram muitos os desafios e os encantos de trabalhar com o acervo de um dos fotógrafos mais importantes do Brasil. Uma parcela das fotografias analógicas que produzi entre 1974 e 2006 estava ali, nos diversos pacotes que ocupavam totalmente dois freezers.

O que precisou ser congelado durante a ação de salvamento realizada em 2020? O que seria possível recuperar? O que significa recuperar? E, afinal, o congelamento, como uma estratégia para salvamento de fotografias atingidas por água, é eficaz?

Negativos e diapositivos em uma diversidade de formatos, cópias fotográficas e uma variedade de impressões em jato de tinta haviam sido atingidas pela enchente por transbordamento do rio Pinheiros em 2020. Estavam armazenados em mapotecas e em armários de

aço. A água alcançou as gavetas da mapoteca mais próximas ao chão e 27 das 44 gavetas dos 11 armários de aço. Uma parte deste material se perdeu, outra parte precisou ser lavada em água corrente e seca ao ar e o restante dos materiais diretamente atingidos foi congelado.

O objetivo principal do projeto era descongelar o que precisou ser congelado, mas, além desta atividade, que em si exigiu que pesquisássemos a melhor forma de realizá-la, foi necessário reunir muitas informações a respeito do acervo.

Negativos e diapositivos haviam sido acondicionados, organizados e catalogados anteriormente em um projeto realizado por Isabel Amado. A catalogação havia sido realizada desde então por Aline Os na base de dados do acervo a partir de fichas técnicas que reúnem informações essenciais a respeito dos ensaios fotográficos.

Estas fichas, organizadas em caixas tipo arquivo, eram o resultado de uma iniciativa do próprio

fotógrafo, que começou a utilizá-las quando retornou ao Brasil depois de ser assistente de Bill King, em Nova York, inspirado nas fichas que o fotógrafo norte-americano elaborava.

Em 2005 o acervo foi atingido por uma primeira enchente e, naquele momento, uma parte dos materiais se perdeu, estava indicado na base de dados: foram cerca de 21.000 fotografias. Faltaria, então, reconstituir o que havia acontecido na iniciativa de salvamento realizada em 2020, após o acervo ser atingido por uma segunda enchente. Os pacotes no interior dos freezers traziam as datas em que haviam sido congelados tornando ainda mais importante recuperar o histórico das ações e decisões tomadas durante o salvamento do acervo.

Após o fotógrafo noticiar o ocorrido numa rede social, uma ação de salvamento reuniu ao menos nove voluntários, além de profissionais cedidos pelo Arquivo Histórico Wanda Svevo, da Fundação Bienal de São Paulo, do próprio estúdio de Bob Wolfenson e do Instituto Moreira Salles, que fez o chamado inicial e coordenou a iniciativa.

A água atingiu 27 das 44 gavetas dos 11 armários de aço

Na tarde de 11 de fevereiro, o salvamento do acervo foi iniciado com o reconhecimento dos materiais afetados, a avaliação dos danos e a definição de prioridades e formas de tratamento, ainda com muita água e lama no estúdio. Tinham sido afetadas uma sala com revistas, livros e uma mapoteca com cópias fotográficas e impressões em jato de tinta e duas outras salas com gaveteiros contendo pastas suspensas com filmes fotográficos acondicionados em cartelas plásticas e folhas de contato (papel fotográfico).

A maioria das cópias fotográficas foram lavadas em água corrente e penduradas em varais improvisados. Realizar o mesmo tratamento com os filmes fotográficos, entretanto, era inviável devido à grande quantidade de material afetado diretamente pela água e ao risco de perder os códigos de identificação dos filmes ao separá-los de suas embalagens de acondicionamento.

Mas os filmes fotográficos eram separados das folhas de contato, que eram submersas numa bandeja com água. Quando a bandeja estava cheia, era levada para outro local, onde as cópias eram lavadas individualmente em água corrente e depois penduradas em varais para secar.

Os danos provocados pelo contato direto com a água variam em função dos materiais constitutivos das fotografias: as cópias fotográficas são mais suscetíveis a se degradar do que os filmes fotográficos, que podem ser, inclusive, congelados. Assim, cartelas de filmes fotográficos, ainda



AO FUNDO, DIAPOSITIVO E NEGATIVO DA SÉRIE ANTIFACHADA Foto Helena Wolfenson

molhadas e sujas, foram embaladas em sacos de polietileno, etiquetadas com sua identificação e congeladas no primeiro freezer adquirido, que rapidamente ficou cheio.

No terceiro dia de salvamento, outro freezer foi comprado para receber o material fotográfico restante. Os últimos materiais inseridos no freezer foram guardados depois de seis dias do início do salvamento. Naquela ocasião foram inseridos vários pacotes contendo papéis fotográficos (contatos e ampliações),

devido à impossibilidade de realizar sua secagem naquele momento, já decorrido tanto tempo. Como esta operação não havia sido planejada, os papéis fotográficos foram embalados sem folhas intercaladoras de papel encerado, que precisam ser utilizadas para evitar a aderência entre os papéis fotográficos devido ao amolecimento da gelatina que compõe a camada da emulsão fotográfica.

Tudo foi feito contra o tempo: a resposta a um desastre precisa ser organizada com urgência e ser



executada, idealmente, em até 72 horas após a ocorrência do sinistro. Depois desse prazo, o risco dos materiais sofrerem danos irreversíveis é maior, assim como o risco de que ocorra contaminação microbológica, o que pode provocar o amolecimento e a perda de emulsão fotográfica, além de manchas.

Ao longo do projeto, nossas ações se conectariam às dos profissionais que haviam atuado na iniciativa de salvamento do acervo: na avaliação do que foi inevitavelmente danificado, do que pode ser recuperado naquele momento e do que poderíamos fazer para acessar novamente o que foi congelado ou, nas palavras de Bob, para fazer aquela parte do acervo “voltar à vida”.

Logo percebemos que isso seria

Reconhecemos a importância de compartilhar orientações para atuação em caso de acidentes com água

feito junto com o fotógrafo, durante suas visitas à nossa sala, quando rememorava as pessoas retratadas e as histórias por trás daqueles retratos, quando nos pedia para que



**JULIANA
BITTENCOURT,
TALITA RENNÓ
E FERNANDA
CICERO DE SÁ**

Foto Helena
Wolfenson

um conjunto de itens fosse reproduzido digitalmente com prioridade, quando perguntávamos a respeito de suas marcas de edição e até mesmo quando ele olhava para um material parcialmente danificado e pensava em formas de ressignificá-lo, como havia feito no ensaio Sub/emerso.

Pudemos acompanhar Bob em sua procura pela sobrememória: “um escorrimento, impregnado na superfície”, por aquilo que conferiria uma memória sobreposta àquelas fotografias que “em si, já eram lembranças de outras épocas”.

No início do projeto, enquanto preparávamos o espaço de trabalho e adquiríamos os materiais de consumo necessários, realizamos o diagnóstico de conservação do material que havia

sido tratado previamente pelo Instituto Moreira Salles (IMS), avaliamos a base de dados e o estabelecemos o que seria prioritariamente descongelado: os materiais classificados como ensaio pessoal, ensaio retrato, editorial de moda, vida familiar.

Após realizar alguns testes para definir como faríamos o descongelamento e avaliar o comportamento de pacotes congelados em diferentes datas, definimos os procedimentos daquele que seria o nosso fluxo de trabalho, listado acima em 10 etapas. Seguimos este fluxo ao longo da execução do projeto, e também contamos com a colaboração pontual de Rafael Amorim. Neste projeto, era importante registrar as datas de congelamento (anotadas nos pacotes do freezer) e descongelamento para conseguirmos avaliar a iniciativa de salvamento.

Para isto, também definimos uma forma avaliar as perdas de emulsão nos filmes fotográficos: em conjunto com Bob determinamos que o nível 0 corresponderia a uma avaliação de que nenhuma perda havia ocorrido, o 1 a uma pequena perda, geralmente nas bordas, que não atingia a imagem, o 2 a uma perda maior, geralmente já na imagem, que já comprometia a visualização da imagem e 3, a um nível de perda maior de emulsão, próximo a uma perda total.

Ao analisar a base de dados proprietária criada em 2001, constatamos que ao longo de mais de 20 anos, todo acervo de negativos e diapositivos havia sido catalogado, mas o sistema encontrava-se obsoleto e precisava

ser atualizado para conter as informações do projeto e demais demandas de relacionamento entre as fotografias e as publicações, exposições e as cópias que integram o acervo artístico.

Definimos que o mais adequado e sustentável seria o desenvolvimento da base de dados Tainacan, por ser uma iniciativa pensada para atender a realidade de diferentes tipos de acervo. O Tainacan é um software livre e gratuito que permite a gestão e a publicação de acervos digitais. O desenvolvimento da base de dados foi feito por Giselle Rocha, em conjunto com Fernanda Cícero de Sá. Iniciamos o estudo dos campos existentes na base de dados anterior para definir como seria feita a migração dos dados para a nova base e quais campos seriam incluídos. Pensamos ainda nas diferentes necessidades do acervo de modo a criar um modelo de ficha adequado para cada um deles.

Entendemos que, além daquela parcela acervo que foi diretamente atingido pela água, o restante do acervo também permaneceu em um ambiente com umidade relativa elevada e, portanto, também foi afetado, indiretamente. Ao avaliar os armários de aço identificamos oxidação no fundo das gavetas e também na base dos gaveteiros. Muitas pastas suspensas no interior dos gaveteiros estão com as hastes enferrujadas, algumas perderam o encaixe plástico e o papel de todas elas, confeccionadas em Kraft, já amareleceu.

Dessa forma, propusemos rotinas de monitoramento do acervo, o que poderá ser feito através da análise

dos dados coletados por um termohigrômetro, que monitora as condições de temperatura e umidade da sala na qual o acervo está armazenado, e do monitoramento com tiras medidoras de acidez (A-D Strips), desenvolvidas pelo Image Permanence Institute (IPI) do Rochester Institute of Technology (RIT), nos Estados Unidos.

Além de recuperar o acervo, tornando-o acessível novamente, reconhecemos a importância de compartilhar com outras instituições, profissionais e demais interessados orientações para atuação em caso de acidentes com água, com informações a respeito de métodos que podem ser empregados durante o salvamento de acervos fotográficos, dentre eles o congelamento.

Acidentes com água podem ser provocados tanto por inundações e tempestades quanto por vazamentos em tubulações e até mesmo após incêndios, com a água utilizada pelos bombeiros para apagar as chamas. Além disso, acidentes desse tipo se tornam ainda mais frequentes com as mudanças climáticas em curso.

É fundamental realizar treinamentos e contar com profissionais especializados para orientar ações de emergência, mas é igualmente importante valorizar o planejamento que visa minimizar o risco de que acidentes como os relatados aconteçam e o tratamento contínuo dos acervos. Esperamos também criar uma sobrememória de nossas ações, contribuindo com referências textuais e imagéticas para a preservação de outras memórias.

sobrememória



Foto Helena Wolfenson

Confira mais material sobre
a recuperação do acervo em
sobrememoria.com



Patrocínio



Apoio



Realização

Bob Wolfenson



Projeto de restauração do arquivo fotográfico de Bob Wolfenson - Pronac 221157